

A PARATOPIA, O NIILISMO E A METAFICÇÃO DE ESPECULAÇÃO CIENTÍFICA EM *ANÍBAL*, DE ANDREA DEL FUEGO

PARATOPIA, NIHILISM AND THE METAFICTION OF SCIENTIFIC SPECULATION IN *ANÍBAL*, BY ANDREA DEL FUEGO

Ricardo Celestino¹

RESUMO: Neste artigo estudamos a relação entre a paratopia, o niilismo e a metaficção nos enunciados presentes no conto *Aníbal*, de Andrea del Fuego. Nossa amostra de pesquisa faz parte do arcabouço estético-literário da literatura fantasista de ficção científica do século XXI. Como referencial teórico-metodológico, selecionamos a categoria de paratopia, proposta por Maingueneau (2006), com o objetivo de estudarmos a enunciação literária na perspectiva enunciativo-discursiva proposta pela Análise do Discurso, refletindo como os enunciados em análise são constituídos na dialética cultura, sujeito e sociedade. Destacamos também as reflexões de Nietzsche (1999) acerca do niilismo, tomando-o como formação discursiva dos enunciados em análise e força-motriz da literariedade de parte da literatura fantasista de ficção científica em produção no Brasil. Por fim, optamos em tomar os enunciados de nossa amostra como metaficcionais, a luz das reflexões introduzidas por Hutcheon (1984), que nos oferece ampla ferramenta crítica para a leitura dos discursos literários pós-modernistas.

Palavras-chave: Fantasismo; Paratopia; Niilismo; Análise do discurso.

ABSTRACT: In this article we study the dialogue between paratopia, nihilism and metafiction in the statements present in the short story *Anibal*, by Andrea del Fuego. Our research sample is part of the aesthetic-literary framework of fantasy science fiction literature of the 21st century. As a theoretical-methodological reference, we selected the category of paratopia, proposed by Maingueneau (2006), with the aim of studying literary enunciation in the enunciative-discursive perspective proposed by Discourse Analysis, reflecting how the statements under analysis are constituted in the dialogue of culture, subject and society. We also highlight Nietzsche's (1999) reflections on nihilism, taking it as a discursive formation of the statements in analysis and a base behind the literariness of part of the fantasy science fiction literature in production in Brazil. Finally, we chose to consider the statements in our sample as metafictional, from the reflections introduced by Hutcheon (1984), which offers us a broad critical tool for reading postmodernist literary discourses.

Keywords: Fantasy; paratopia; nihilism; discourse analysis.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Professor do Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária, da PUC-SP. Professor de Língua Portuguesa e Literatura do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

Introdução

Neste artigo temos como tema de pesquisa estudar a relação entre a paratopia, o niilismo e a metaficção de especulação científica nos enunciados literários presentes no conto *Aníbal*, de Andrea del Fuego. Consideramos que nossa amostra de pesquisa faz parte de um arcabouço estético-literário da literatura fantasista de ficção científica, pertencente às produções fantasistas do século XXI. Identificamos, na enunciação em análise, a convergência de três agentes fundamentais para a comunicação literária: a instância autoral, o leitor e a instituição literária. Os três agentes citados oferecem condições para a apreensão de lugares e comunidades paratópicas que potencializam a construção de sentidos nos enunciados literários de nossa amostra e da literatura fantasista de ficção científica brasileira do século XXI.

Selecionamos como amostra de nossa pesquisa os enunciados literários do conto *Aníbal*, de Andréa del Fuego, por tratar-se de um discurso que sintetiza boa parte das condições paratópicas que caracterizam os discursos literários fantasistas de ficção científica em produção no território nacional. A instância autoral, as posições ocupadas por enunciador e coenunciador e a institucionalização literária, quando refletidos como desencadeadores de efeitos de sentido possíveis nos enunciados selecionados, contribuem para um olhar mais amplo e crítico da literatura fantasista de ficção científica brasileira.

Como referencial teórico-metodológico para esta pesquisa, selecionamos a categoria de paratopia, proposta por Maingueneau (2006), com o objetivo de tomarmos a enunciação literária na perspectiva enunciativo-discursiva proposta pela Análise do Discurso, refletindo como os enunciados em análise são constituídos na dialética cultura, sujeito e sociedade. Destacamos também as reflexões de Nietzsche (1999) acerca do niilismo, tomando-o como formação discursiva dos enunciados em análise e força-motriz da literariedade de parte da literatura fantasista de ficção científica em produção no Brasil. Por fim, optamos em tomar os enunciados de nossa amostra como metaficcionais, a luz das reflexões introduzidas por Hutcheon (1984), que nos oferece ampla ferramenta crítica para a leitura dos discursos literários pós-modernistas.

Organizamos nossa pesquisa em três partes: em *o lugar underground da literatura fantasista de ficção científica brasileira*, analisamos a condição paratópica da institucionalização das obras e dos discursos permeados pela literatura fantasista de ficção científica brasileira nas últimas décadas do século XXI; em *a enunciação literária do fantasismo de ficção científica brasileiro*, examinamos os enunciados literários de nossa amostra de pesquisa sob a definição de um quadro hermenêutico constituído pelo referencial teórico-metodológico selecionado; por fim, em *A metaficção e as comunidades paratópicas do fantasismo de ficção científica brasileiro*, refletimos sobre a negociação dos discursos da literatura fantasista de ficção científica brasileira em pertencer, de forma paratópica, às comunidades instituídas e responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisas científicas.

1 O lugar *underground* da literatura fantasista de ficção científica brasileira

A enunciação literária, para Maingueneau (2006), engloba a correlação de três agentes: a instância autoral, o leitor e a instituição literária. As implicaturas para uma instância autoral

envolvem a ação enunciativa de uma forma-sujeito que se projeta no meio cultural e social com a legitimidade do dizer, a partir de uma correlação de forças que implica as representações e os comportamentos de certos grupos ou agremiações, em determinadas épocas, que instituem o pertencimento a uma vida literária. Em paralelo a essa condição cultural da instituição de uma instância autoral, as movimentações externas que legitimam o produtor de um texto literário também o envolve em uma metáfora da fuga para o deserto: não há um campo literário instituído como há, por exemplo, no meio científico, o qual um autor possa recorrer, entrar com recursos, reivindicar credibilidade. A institucionalização literária é orgânica, muitas vezes acidental e caótica, negociada nas redes de interações desta forma-sujeito autor de Literatura, constituinte de uma forma plástica, variável, multifacetada, com seus coenunciadores. A institucionalização da comunicação literária, nesse sentido, se dá em um lugar que concentra aspectos subjetivos de um setor limitado de uma cultura e de uma sociedade em diálogo com a trajetória dessa forma-sujeito que se delinea e performatiza. Não há, assim, um lugar físico ou jurídico com poder sobre os discursos literários e suas instâncias autorais. No entanto, isso não torna o fazer literário isento dos tributos da institucionalização, que pode ser refletida na intersecção de dois planos produtivos para direcionar um pesquisador ou um crítico literário, quando interessados nas condições de irradiação de uma obra literária: a rede de aparelhos e os posicionamentos.

Maingueneau (2006) compreende que a rede de aparelhos que pode (des)legitimar formas-sujeito de autores de Literatura implica um espaço ou espaços em que os indivíduos se constituem escritores e públicos. Trata-se de um ambiente de garantias, em que são estabilizados os contratos genéricos que direcionam o que faz parte e o que não faz parte do fazer literário, a partir da influência de mediadores, intérpretes, cânones, dentre outros. As redes consolidam as tramas e as tessituras do todo-complexo de um sistema que integra instâncias diversas responsáveis pela circulação social e, muitas vezes, pelo fazer experimental ou conservador do texto literário. Reúnem nestas redes, assim, práticas e discursos de garantias para o estabelecimento das relações sociais inerentes a uma esfera literária específica.

As redes que consolidam as tramas e as tessituras culturais e sociais da literatura fantasista de ficção científica são vastas. Podemos destacar as ações de editores e autores independentes que atuam como agentes ativos de uma rede de aparelhos que busca criar uma circulação diversa de textos do gênero. Causo (2019) reflete sobre a iniciativa de editoras como a Aleph, Morro Branco e Dark Side em investirem em projetos de *book design* de títulos do fantasismo. As ações contribuem para, nas últimas décadas, a literatura fantasista de ficção científica se tornar um gênero mais procurado no mercado editorial, dividindo espaço com outras temáticas do fantasismo como o horror, o fantástico e a fantasia. Ainda, um aspecto que auxilia nos rumos que delineiam uma rede de aparelhos para o fantasismo de ficção científica é o esforço editorial destas mesmas editoras em reunir, no Brasil, obras da ficção científica internacional de autoras e autores ainda inéditos em nosso mercado editorial, mas que debatem temas de impacto social atual como o etnocentrismo, o machismo, o racismo, a crise do capitalismo e o colapso climático.

Além das ações editoriais, outras iniciativas que auxiliam na constituição de uma rede de aparelhos é a atividade dos influenciadores digitais voltados à divulgação e crítica de obras literárias. Destaco, por exemplo, o perfil *Legado das palavras*, ativo nas redes sociais, concentrando um total de 13 mil seguidores até a presente data. Trata-se de um perfil que dedica espaço midiático para sugestão de quadrinhos, séries, filmes e obras literárias tanto do circuito internacional quanto nacional, priorizando as produções do fantasismo. Assim como o *Legado das palavras*, há inúmeros outros influenciadores que geram conteúdos de críticas e

recomendações do fantasismo, incluindo as obras literárias do gênero na lista de objetos da cultura *pop* a serem contemplados. A *Leituras de Bárbara*, com 22 mil seguidores, o *Love my books*, com 74 mil seguidores, são exemplos de perfis dedicados exclusivamente às recomendações literárias. Tais iniciativas auxiliam, nessa rede orgânica de construção de um espaço de circulação e legitimação do exercício da enunciação literária, a oferta de uma identidade ao fantasismo brasileiro: diverso, multifacetado, *underground* às produções internacionais, mas ainda assim, quando contemplado, com um potencial estético que desperta interesse em outras mídias. Foi o caso de Raphael Montes, romancista do fantasismo de terror, suspense e investigação, que furou a bolha do anonimato e atuou como roteirista da série *Bom dia, Verônica*, da plataforma de *streaming Netflix*.

Causo (2019) destaca que o trabalho de editoração de obras de não-ficção e o estímulo de produções de revistas acadêmicas especializadas na literatura fantasista em circulação no Brasil também ampliam e amadurecem a relação leitor e autores. Um exemplo de uma iniciativa divisora de águas para a compreensão das condições culturais de produção e circulação do fantasismo vem da Editora Seoman, que reúne em seu catálogo biografias de autores do cenário norte-americano, obras que organizam uma historiografia da ficção científica ocidental, dentre outros. A revista acadêmica *Abusões* é outra iniciativa relevante para a compreensão crítica do fantasismo. Organizada pelo Programa de Estudos de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), concentra produções acadêmicas que tem como objeto de estudo obras literárias do fantasismo brasileiro, contando com um importante dossiê de 2020 intitulado *O boom da FCB nas últimas décadas*.

As ações supracitadas influenciam na consolidação de uma rede de aparelhos que pode tornar os discursos literários do fantasismo mais unidos ou ainda mais segmentados a outros discursos literários. O fantasismo de ficção científica em produção no Brasil, por exemplo, ocupa, em nossa perspectiva, um lugar paradoxal quando o assunto é a recepção de suas obras no mercado editorial. A ficção científica conquistou amplo espaço nas prateleiras de grandes livrarias, nas preferências temáticas dos conteúdos de influenciadores, contudo, há uma predileção por clássicos estrangeiros reeditados, contemporâneos já amplamente reconhecidos no cenário internacional, restando aos trabalhos nacionais a atuação solitária de angariar espaço nas pequenas editoras ou em iniciativas de autopublicação. Leitores do *fandom*, base de fãs do fantasismo que atravessa gerações, estão habituados em receber notícias de relançamentos de autores como Phillip K. Dick, H. G. Wells, William Gibson, mas poucos conhecem as obras de André Carneiro, Ciberpajé, Luiz Brás, Fausto Fawcett, dentre outros nomes que constituem uma tradição do fantasismo brasileiro.

A literatura fantasista de ficção científica, nesse sentido, consolida-se por uma rede de aparelhos restrita a ações editoriais tímidas de grupos como a Editora Patuá, a Lendari, a Monomito, a Draco, que consistem em editoras de pequeno e médio porte que não dispõem de grandes recursos para a promoção do *marketing* de uma obra literária. A condição de nicho da literatura fantasista de ficção científica transmite a impressão de que os autores nacionais do gênero estão sempre vivendo um começo tímido de circulação e produção de textos, mesmo contando com nomes com uma vasta produção, como é o caso de Roberto de Sousa Causo. Por outro lado, há o olhar equivocadamente de que autores da literatura fantasista brasileira não existem, ou se existem realizam em suas obras um tipo de adaptação tupiniquim de autores estrangeiros consagrados. Esse cenário é confrontado quando há iniciativas editoriais como a organização da antologia *Fractais Tropicais*, de Nelson de Oliveira, que reúne contos de pelo menos três gerações de autoras e autores da literatura fantasista de ficção científica, de 1980 à atualidade, demonstrando a diversidade de possibilidades que o gênero permite. Desta antologia,

selecionamos a amostra de nossa pesquisa, considerando-a um recorte potencial da engeniosidade do gênero em produção e circulação no Brasil.

Além da rede de aparelhos que auxiliam na institucionalização da literatura fantasista brasileira, não devemos deixar de considerar os posicionamentos como ponto de reflexão para examinarmos as condições culturais e sociais de produção do fantasismo no Brasil. O campo literário consolida-se como um lugar de confrontos estéticos, em que os posicionamentos do enunciador encontram-se em concorrência em sentido amplo em um texto. Maingueneau (2006) observa que os posicionamentos com força de consolidarem um campo coletivo de associações e associados pode assumir valor discursivo, marcando uma dinâmica de identidade sempre em equilíbrio instável.

Na literatura fantasista, consideramos que a definição dada por Matangrano & Tavares (2018) ao termo *fantasismo* representa uma síntese dos posicionamentos que direcionam esse campo discursivo. O fantasismo refere-se a uma categoria produtiva para o estudo de obras do folclore brasileiro, do imaginário de matriz africana, da ficção científica, da fantasia, do suspense, do terror e do fantástico em produção no século XXI. Além de uma categoria estética, o termo sedimenta as condições para um movimento literário orgânico de obras que ganham pouco a pouco o espaço editorial, consolidando comunidades de leitores, autores e editoras independentes do gênero que estão estimuladas por um alargamento do que é definido por obras insólitas, a partir de um *continuum* que distancia e aproxima o fantástico, o horror, o suspense investigativo, a ficção científica e a fantasia.

No caso do fantasismo de ficção científica, foco central de nossa pesquisa, Oliveira (2018) compreende que ele se constitui por estéticas que convergem na especulação de mundos fictícios, estabelecendo um diálogo metonímico com a realidade empírica, questionando e confrontando sistemas de restrições sócio-culturais que disseminam desigualdades em um país colonial. Temas como luta de classes, desigualdade de gêneros e etnias e o existencialismo são pontos de partida para fermentar novos mundos especulativos, tendo a ciência como motor. Isso significa que a transgressão não se restringe apenas no contrato social, mas nas dobras da literatura especulativa que possibilita o contrabando dos sonhos lúcidos, a contravenção do determinismo biológico, o desafio da gravidade e da entropia. Em linhas gerais, o enunciador da literatura fantasista de ficção científica é um contraventor, um subversivo das leis naturais, permitindo que seus personagens atravessem paredes, desenvolvam máquinas do tempo, desafiem realidades em imersões virtuais, viajam na velocidade da luz, com o intuito de explorar a metonímia de uma realidade empírica social e culturalmente complexa. O enunciador da literatura fantasista de ficção científica nos lembra que a condição humana possui limitações biológicas e sociais, tem problemas civilizatórios incontornáveis e, por mais que se conquiste uma condição transumana pelo subterfúgio da ciência, da tecnologia e da magia, o sujeito se deparará com a falta, o vazio e o enigma do abismo existencial.

São muito mais de cinco décadas da literatura de ficção científica brasileira, se considerarmos que o gênero já existia timidamente antes da década de 1960, com a geração GRD. Em sua breve historiografia, Oliveira (2018) consegue listar inúmeras variações do gênero que marcam os posicionamentos supracitados: o *cyberpunk*, a ficção esotérica, a ficção exobiologia, a ficção científica *hard*, o *new wave*, a ficção científica de contato alienígena, a ficção científica de realidades paralelas, as *space operas*, as ficções científicas ufológicas, dentre outras. Nesse sentido, apropriamo-nos da metáfora de fractal para parafrasear Oliveira (2018, p.21) e refletir que, apenas este pequeno braço do fantasismo tem um potencial rizomático de ramos em diferentes direções, gerando magníficos e hipnotizantes galhos literários. Os subgêneros se

entramam e, por exaustão nas múltiplas tentativas de classificação, acostumamos denominá-los por literatura fantasista de ficção científica.

2 A enunciação literária do fantasismo de ficção científica brasileiro

A criação literária, para Maingueneau (2006), desestabiliza as representações de um lugar e um espaço de dizer consolidados em discursos que circulam nas atividades sociais cotidianas. Os meios literários são fronteiras que, no tecido social, constituem discursos que negociam um espaço de pertencimento na (in)segurança de se fechar em si mesmos. Ao mesmo tempo em que não se confundem com a sociedade comum, estabelecem laços com nichos e agrupamentos dessa sociedade para se legitimar.

Para darmos conta de examinarmos como os enunciados de um texto literário lidam com essa negociação de um lugar e um espaço de garantias para a construção de sentidos, selecionamos o conto *Aníbal*, de Andrea del Fuego. A narrativa tem como ponto de partida explorar a fragilidade da condição humana enquanto espécie. Em um futuro incerto, a humanidade esgotou as possibilidades de viver em harmonia com o meio ambiente terrestre. O planeta tornou-se hostil à vida humana, em função das próprias ações exploratórias e depredatórias da humanidade. Restando a exploração espacial como único recurso, uma seleta camada social da espécie humana arrisca a vida em outros planetas. Então, depara-se com novas civilizações hostis ou indiferentes à vida humana e suas complexidades. Em Oliveira (2018, p.131), é possível identificarmos que o enunciadador busca destacar os seguintes aspectos da narrativa que aproximam e distanciam a enunciação de um lugar comum, familiar ao coenunciador:

“Você está em Aníbal.

O nome é de um general que viveu em planeta já extinto, a Terra. O fim se deu há duas décadas, sabemos pela forte luz que borrou o céu, o lugar tornou-se um cometa.

Aníbal é meu planeta. Somos híbridos, mistura de carne animal e bits de água. Não precisamos nos reproduzir de forma animal e nossa flora se expande quando há cometas como a Terra que, ao falecer na abóbada, deixa cair esporos em nossa atmosfera.”

Identificamos, na citação acima, a referência do enunciado *Você está em Aníbal* com o Aníbal, general e estadista cartaginês considerado um dos maiores estrategistas militares das guerras púnicas. Aníbal viveu no período em que o Império Romano expandiu suas fronteiras na bacia mediterrânea. Suas habilidades militares conseguiram frear a expansão romana na região e foram estudadas por gerações e gerações como um exímio estrategista. Na enunciação em análise, compreendemos que Aníbal é uma trágica ironia: essa nova espécie que se estabeleceu nesse planeta que leva nome de um estrategista militar não demonstra controle de suas ações, domínio estratégico do destino de sua existência. Trata-se de uma espécie que tem resquícios celulares da humanidade, como podemos perceber nos enunciados: *viveu em um planeta já extinto; [...] somos híbridos, mistura de carne animal e bits de água; não precisamos nos reproduzir de forma animal*. Isso implica a possibilidade de construção de sentido de que esta espécie tão singular provê o alimento para sua sobrevivência retroagindo à forma primitiva da

espécie humana: um tipo de coletor sem as habilidades para a caça, assegura sua subsistência na aleatoriedade de esporos de nativos de outros planetas extintos.

Dessa maneira, identificamos que o enunciador do discurso literário selecionado tem a estratégia de desarticular uma realidade dada, no convite de dialogar implicitamente com o coenunciador, convidando-o a construir sentidos de seus enunciados na ordem metonímica: como enunciador, apresenta-se parte de um novo mundo criado; como coenunciador, potencializa-se as regras desse novo mundo, cria-se o todo e suas complexidades, amarra-se os laços e os nós entre as representações desse novo lugar e desse novo espaço de dizer que não deixa de conectar-se com as representações culturais e sociais de uma realidade dada. Em outras palavras, os habitantes de Aníbal e este novo planeta exótico, repleto de regras peculiares, canalizam a subjetividade que representa a fronteira entre existências sociais possíveis e o imaginário por meio do insólito.

Os enunciados da citação acima rompem, de alguma maneira, com a ilusão de realidade espelhada da obra ficcional com a realidade circunstancial do coenunciador. Este fenômeno criativo da enunciação literária é compreendido por Faria (2012) como um tipo de anti-romance. A ficcionalização proposta nos discursos em análise transgridem as regras de uma escrita romanesca no interior da própria obra ficcional, tal qual em *Dom Quixote*. No clássico literário em questão, presenciamos a reação de um enunciador que busca ironizar as regras dos romances de cavalaria, contando ao coenunciador a jornada de um cavaleiro andante que desbrava dois mundos: o mundo medieval imaginário, possível só para o personagem, e o mundo da burguesia em ascensão no século XVI imaginado pelo enunciador. Esse limiar de dois mundos ocorre também na enunciação que selecionamos como amostra de pesquisa, já que o enunciador narra a jornada de um protagonista pertencente a um mundo imaginário e insólito possível apenas naquele lugar de enunciação, que faz referência a uma realidade interpretada, significada e problematizada pelo enunciador. Esta realidade significada e problematizada, por sua vez, não deixa também de ter índices de ficcionalidades sobre um Real inacessível em sua totalidade, através do exercício da especulação: o relógio do apocalipse, da comunidade científica, por exemplo, pode ser fermento para ficcionalizarmos o fim próximo da espécie humana e isso aparece irradiado em jornais, revistas especializadas e nos discursos das comunidades científicas.

Nesse sentido, identificamos que o protagonista de nossa amostra parece viver em uma realidade que hiperboliza a realidade a qual vivemos no século XXI. Em matéria assinada pelos jornalistas Magan Marples e Rachel Ramirez da CNN, do dia 25/01/2023, temos a manchete que questiona o que acontece quando o relógio do juízo final marcar meia-noite. Conhecido como *doomsday clock*, o relógio do juízo final é um ícone simbólico criado pela comunidade científica e por ativistas ambientais para alertar a humanidade dos riscos de as próprias ações humanas acabarem levando ao fim das condições de vida no planeta. O relógio não mede categoricamente as ameaças existenciais, mas tem caráter especulativo, definido a cada ano por especialistas do Conselho de Patrocinadores, que inclui 11 ganhadores do Prêmio Nobel. A finalidade do relógio é estimular conversas e promover engajamentos públicos em questões científicas como, segundo os jornalistas, o desarmamento nuclear. Em paralelo, temos em nossa amostra selecionada um exemplo do potencial especulativo em dialogar com as ficcionalizações e os raciocínios hipotéticos de nossa comunidade científica, no quesito ambiental. Contudo, a realidade apresentada nos enunciados literários detém uma performance do insólito e do imaginário, estabelecendo diálogos com outros discursos do fantasismo de ficção científica, dos quais podemos destacar a obra *Perdido em Marte*, de Andy Weir, que especula acerca das condições de fauna, flora e espécies alienígenas em Marte. Ainda, também podemos destacar a

animação *Planeta dos Abutres*, cujas temáticas e discussões políticas, culturais, ambientais e filosóficas circundam uma espécie humana com poucas habilidades para entender a complexidade de novos planetas. Nesse sentido, compreendemos que o gatilho do insólito, para a enunciação em análise, é a especulação em torno da questão: e se o planeta Terra virar farelo? E se a espécie humana, em relação a outras espécies, adquirir a grandeza de um micróbio em relação a outros seres vivos intergaláticos? A esse exercício especulativo que tem um denominador comum como premissa ou ponto de partida, Roberts (2018, p.37) chama de *novum*, que consiste em:

“[...] *novum*: o dispositivo, o artefato ou premissa ficcionais que põem em foco a diferença entre o mundo que o leitor habita e o mundo ficcional do texto de FC. Esse *novum* pode ser algo material, como uma espaçonave, uma máquina do tempo ou um dispositivo de comunicação mais rápida que a luz; ou pode ser algo conceitual como uma nova versão de gênero ou consciência.”

Roberts (2018) propõe o *novum* como uma categoria essencial para as engrenagens especulativas do fantasismo de ficção científica. Ao referir-se a textos literários que operam pelas vias de um imaginário, compreendemos que o mundo que o leitor habita, contemplado nos discursos literários, passa pelo filtro do processo ficcional, por se tratar de uma ficcionalização consciente proposta pelo enunciador. A ficcionalização é uma condição da enunciação literária, contudo esta com empenho fantasista de ficção científica implica um tipo de metaficção que envolve, pelo menos, o desdobrar de dois lugares especulativos: de um lado, o planeta *Anibal*, com regras próprias, faunas e floras labirínticas e metonímias que convidam o leitor a desdobrar as correlações e as coerências próprias daquele novo lugar, de outro, o planeta Terra e as condições pré-apocalípticas em que vivemos, onde consideramos que a leitura que permite validarmos nossas condições de existência no planeta como apocalípticas passa por uma dinâmica especulativa e ficcionalizante de nossa comunidade científica e nossos ativistas.

Devemos levar em consideração que os discursos literários, segundo Maingueneau (2006) não pertencem a um espaço social definido. O enunciador de um texto literário não é um cientista, um vencedor de um Prêmio Nobel pela descoberta de uma grande fórmula da Física Quântica, mas um intelectual que performatiza sobre o sensível estabelecimento da subjetividade humana em racionalizar nas fronteiras, entre as inscrições de áreas que fundam as dinâmicas de nossa sociedade: a Física, o Direito, a Matemática, a Psicologia, dentre outras. Por não ter autoridade nesses lugares, mas circular em suas fronteiras, o enunciador do texto literário contempla a pluralidade de áreas e saberes em um pertencimento (im)possível.

Identificamos que, nos discursos literários fantasistas da ficção científica, o enunciador destaca as potencialidades do novo mundo, em oposição com as limitações do mundo familiar ao coenunciador, submetendo-os a ordem dos desdobramentos de *novums* que compõem fauna e flora desse novo planeta. Nesse sentido, o enunciador empenha-se na narrativa de uma jornada de um protagonista enfraquecido, mas que tem consciência das condições de seu entorno, sendo competente para apresentar as nuances desse novo mundo que possibilitam a sua fraqueza em relação a outras espécies. Tomando o niilismo por formação discursiva constitutiva dos discursos em análise, identificamos em Oliveira (2018, p.132) enunciados que refletem um empenho filosófico para o tratamento da fragilidade humana:

"Entre mim e você há algumas diferenças. Minha cadeia molecular é um desdobramento da sua, veja, faço uma narrativa para me comunicar. Já em Polherã, planeta onde eu queria ter nascido, a narrativa é recurso grosseiro. Dividem o raciocínio em estações, adormecem um pensamento para que este não seja detectado por ninguém.

Mentir tem outro valor em Polherã. O mentiroso não perde credibilidade, ao contrário, orgulha-se da percepção de outras possibilidades no instante em que o real acontece. A mentira é um recurso da verdade absoluta. A astúcia mental foi potencializada pela tecnologia introduzida há milênios em Polherã. Em cada crânio, as informações do mundo são arquivadas em contêineres moleculares, eles ingerem dados como a planta faz fotossíntese, absorvendo um gás e eliminando outro. Assim, toda notícia em Polherã é transformada em material orgânico, em cadeia de oxigênio com que os pulmões se abastecem. Os polheranos não dependem da atmosfera."

O enunciador ficcionaliza o nativo de Polherã com o intuito de reduzir as complexidades orgânicas da espécie humana a um tipo primitivo de espécie, quando relacionada a forma de lidar com o conhecimento. Os habitantes de Polherã sobrevivem da ingestão de conhecimentos, como nós necessitamos de oxigênio para respirar. Nesse sentido, a consideração do enunciador é de que a espécie humana consome informação e conhecimento de mundo com baixa potência, quando comparada aos habitantes de Polherã. O enunciador, ainda, manifesta desejo de ter sido um nativo daquele planeta, uma vez que, assim, compreenderia também a narrativa como recurso grosseiro de comunicação. A partir de Nietzsche (1999), compreendemos que esse tipo de olhar sobre a realidade apresenta uma estrutura que desobstrui a visão monista sobre as coisas do mundo. A citação em análise nos possibilita compreender que nem sempre o sentido é único, repleto de uma inexequível interpretação das coisas, mas a complexidade do que é realidade implica uma força descomunal que, dada nossa incapacidade intelectual e orgânica, nos leva a confiar e desconfiar de todas as leituras humanas sobre uma realidade observada. A existência em Polherã leva o coenunciador a compartilhar as limitações cognitivas da espécie humana em lidar com as nuances da realidade. O enunciador, ainda, em face a essa fraqueza, é passivo, um tipo de espectador ou um *voyeur* que fetichiza um desejo de existir nas complexidades das formas de obter conhecimentos de uma outra espécie.

Identificamos, na citação acima, que o enunciador canaliza, em sua jornada, a chave por investigações acerca de questões existenciais para uma sociabilidade ressignificava em Polherã. Nos enunciados *Mentir tem outro valor em Polherã*, em que é associada a mentira como um valor positivo, um tipo de gesto engenhoso de como lidar com a complexidade da realidade com criatividade, o enunciador oferece um novo valor semântico à mentira, coeso apenas para uma espécie interplanetária que não está limitada aos cinco sentidos da espécie humana para a percepção da realidade. Nietzsche (1999) compreende como traço do niilismo como uma consequência inevitável do pensamento racional e científico, que desafia e frequentemente refuta as verdades absolutas oferecidas pela religião e pela metafísica. Ele argumentava que, à medida que a ciência avança, ela desmascara as ilusões criadas pela religião e pela metafísica, levando as pessoas a questionar o significado e o valor de suas vidas. Nos enunciados citados acima, o enunciador chama atenção para a condição de sobrevivência da espécie de nativos de Polherã, pautada em exercitar a astúcia mental, potencializada por tecnologias sofisticadas, que levam a espécie a arquivar informações na mesma dinâmica em que uma planta faz fotossíntese. Pensar em problematizar profundamente sobre a realidade tornou-se, assim, atividade trivial,

como uma simples troca de gases para o exercício da respiração. A consequência disso é a tomada de consciência de que, enquanto espécie humana, todo o esforço em refutar a metafísica pela ciência nos retorna à estaca zero, já que dispomos de um grande esforço cognitivo para engajarmos em atividades intelectuais de alta complexidade e, ainda assim, não conseguimos atingir nem uma pequena fração da potência cognitiva de um nativo de Polherã. O coenunciador, assim, apropriando-se do niilismo para a construção de sentido dos enunciados, pode transitar em uma sensação proposta por Nietzsche (1999) que transita entre, de um lado, um niilismo passivo, caracterizado pela perda de fé nos valores tradicionais e na incapacidade de encontrar ou criar novos valores, ou de um niilismo ativo, que envolve a destruição ativa dos valores antigos sem necessariamente oferecer substitutos, mas com o potencial para a criação de novos valores, considerando que é na falta que a espécie humana otimiza suas deficiências.

O questionamento com respostas limitadas acerca da razão de um vir-a-ser, leva o enunciador dos enunciados citados acima a um outro estágio do niilismo que identificamos em Nietzsche (1999): a concepção monista de que a realidade é unificada e não composta por duas ou mais substâncias essencialmente diferentes, o que sugere uma crítica a metafísica tradicional por sua busca por um mundo verdadeiro imutável, contraposto a um mundo aparente de mudança e devir. Nesse sentido, não há um mundo estático por trás do mundo da experiência, mas tudo é fluxo, mudança, vir-a-ser. Deve-se levar em conta que o enunciador não é um nativo de Polherã. Assim, ele não possui conhecimento amplo e sensível de como é processar informações na perspectiva de um nativo dessa espécie. Ele, então, utiliza-se das limitações semânticas da palavra em uso, ou seja, do discurso, para descrever uma realidade a qual ele não tem experiência total. Assim, o enunciador sistematiza e organiza de forma lacunosa como a espécie intergaláctica lida com o processamento das informações. O enunciador compartilha um sentimento de conexão e dependência diante de um todo infinitamente diverso a ele. Na medida em que o enunciador sistematiza as condições orgânicas para o exercício intelectual dos nativos de Polherã, dá-se conta de que o universo é muito vasto e, quanto mais se avança em novas descobertas das nuances dessa espécie de nativos, há um encontro com o que Nietzsche (1999) observa tratar-se de a perda da crença em seu valor essencial. Em outras palavras, em todo vir-a-ser reina uma unidade de estabilidade relativa no que tange à consideração de valor supremo da realidade. O fato de a mentira ser fermento para novas possibilidades de conceber o real é um tipo de relativização do valor semântico da mentira para nossa cultura. A mentira, em Polherã, é matéria artística, assemelha-se à dinâmica de ficcionalização da realidade pelo exercício da linguagem artística. A mentira desafia o nativo a repensar valores, crenças e a maneira de viver. Trata-se, para os nativos de Polherã de enunciados que encorajam a aceitar a impermanência e a encontrar significado e valor no processo de vir-a-ser. Por mais que se explore inúmeras opções de verdades, até mesmo a espécie nativa de Polherã não encontrará uma verdade total, mas o reforço na confirmação de que o vir-a-ser potencializa lacunas e a verdade para além de todas as verdades possíveis é inalcançável. Só assim a mentira ganha valor artístico e engenhoso em Polherã.

Tal qual um filósofo niilista, o enunciador expõe, na jornada explicativa da espécie nativa de Polherã, o mundo e as possibilidades de racionalidade acerca de suas verdades. Até mesmo a espécie nativa de Polherã está refém de uma percepção de realidade de um vir-a-ser que não é total. Sendo essa espécie mais desenvolvida que a espécie humana, o enunciador estimula o coenunciador a construir sentidos de que é muito remota a possibilidade de uma espécie com capacidade de visão total da realidade. Até mesmo uma espécie nativa que transforma notícia em material orgânico para sua sobrevivência encanta-se com a capacidade de criar versões alternativas de realidade. Dessa maneira, se a expectativa do metafísico ser uma

existência única que tem o domínio pleno da verdade total da realidade, está é frustrada na enunciação que otimiza a ideia de que a existência não pode ser interpretada como conceito fim, já que algo pode sempre deixar de ser notado, alcançado, laureado em uma unidade que abrange a pluralidade do ato de conhecer as coisas do mundo. Cada uma das verdades exploradas, em algum momento, estará sujeita a perder o seu valor devido às categorias defendidas para sistematizar essa verdade serem insuficientes.

Em linhas gerais, o enunciador utiliza das formações discursivas do niilismo, proposto pela Filosofia e articulada por, dentre outros intelectuais, Nietzsche (1999). Contudo, o enunciador não tem e nem reivindica a autoridade de um filósofo, mas sim a de um contador de histórias para problematizar um aspecto de nossa especulação da vida corrente: somos insuficientes para compreendermos o todo-complexo da realidade a nossa volta? Isso significa que os discursos em análise negociam um espaço de autoridade na especulação de pautas culturais e sociais da vida moderna, com um comportamento parasitário nas diversas áreas instituídas do conhecimento humano como a Física, a Biologia, a Filosofia, dentre outras. A literatura inaugura, assim, um lugar (im)possível de existir na vida social e na realidade familiar do coenunciador, o que chamamos de paratopia.

3 A metaficção e as comunidades paratópicas do fantasismo de ficção científica brasileiro

A constituição de um discurso literário se dá mediante as relações de forças dos lugares em que surge. As relações entre escritor e sociedade, escritor e obra, obra e sociedade, para Maingueneau (2006), direcionam os discursos literários a um território definido. No caso dos discursos fantasistas de ficção científica, identificamos que a consideração do gênero como um fractal favorece o exame dos lugares e das comunidades que consolidam um empenho paratópico das produções, como podemos identificar em Oliveira (2018, p.21):

“A ficção científica é, poeticamente falando, uma espécie de fractal: uma estrutura não euclidiana. Seu tronco se ramifica em diferentes direções, gerando magníficos e hipnotizantes galhos literários, mas sem perder a identidade com uma espécie de modelo original. Estava pensando nisso quando propus batizarmos essa antologia de *Fractais Tropicais*.”

A amostra que selecionamos está coerente com a lógica fractal refletida por Oliveira (2018). Andrea del Fuego é uma autora de muitas travessias e importantes experimentações. O empenho em contar uma história de estética fantasista não é uma prioridade que a fideliza ao fantasismo em toda a sua carreira literária. De forma não euclidiana, a autora passou pelo fantasismo de ficção científica com o conto *Aníbal* e deixou sua contribuição que pode ser apreendida por outro autor ou por coenunciadores atentos, a qualidade de seus enunciados e sua especulação científico-filosófica. Contudo, o fantasismo também encontra enunciadores que não estão localizados só no fragmento de uma obra, mas em toda a trajetória e construção de uma imagem de autor que dedica criar em relação a uma base de leitores, como é o caso de Fabio Fernandes, que dedica quase toda a trajetória artística ao fantasismo de ficção científica. Andrea del Fuego, por sua vez, não inventa a roda em seus enunciados e nem tínhamos a pretensão de que assim o fosse. Matangrano & Tavares (2018, p.131) destacam que:

“No século XXI, [...] o elemento mais característico da nova literatura fantástica é a criação de mundos em suas mais diversas potencialidades, não raro ocorrendo um hibridismo entre dois ou mais modos narrativos, com supremacia, no entanto, da fantasia. Nesse sentido, duas vertentes floresceram mais do que outras, difundindo-se e se multiplicando em outras variantes. É o caso da ficção científica, em constante expansão desde a década de quarenta do século anterior [...] e sobretudo, na fantasia.”

Para Matangrano & Tavares (2018), os discursos literários fantasistas de ficção científica engajam-se com a intersecção entre a especulação científica e a fantasia. Trata-se de um *continuum* que lida com a predominância relativa da ciência sob a fantasia e vice-versa. Na amostra selecionada, há a especulação da ocupação humana em outros planetas, o olhar da espécie humana sob a perspectiva da Filosofia, que são atividades de campos institucionais de hoje como a NASA e a SpaceX. Contudo, também nos deparamos com a presença da fantasia como motor para a especulação imaginativa criando materialidade para as hipóteses do tipo: e se existirem seres extra-terrestres com capacidade senciente mais sofisticada que a espécie humana? E se a espécie humana não tiver nada de mais, quando comparada a outras espécies extraterrestres? Isso significa que, além de a literatura fantasista de ficção científica brasileira ter a prioridade no empenho de uma predição de um futuro utópico ou distópico, seus discursos também são uma forma metonímica de refletir acerca das representações emergenciais, circunstanciais e institucionais do momento presente, em mundos criados sob a ordem do insólito. Este é o lugar paratópico que circunda os discursos literários fantasistas da ficção científica: operando pelo viés do imaginário, especula sobre questões da singularidade humana em uma estética da fantasia e da especulação tecnológica e científica de seu tempo, como podemos perceber em Oliveira (2018, p.132):

“Aníbal é maior do que a Terra foi. Além de Aníbal há Ametista, Angita e Acegônia. Quatro planetas em torno de dois sóis. Você chegou encapsulado ao laboratório, foi detectado em um bosque, lugar de minerais familiares aos de seu planeta original. Sabiam que você estava vivo, mas duvidavam da sua consciência intacta. Você deve estar desconfortável, embora eu desconfia que o ato de submetê-lo às nossas leis já estimule a adaptação.”

A especulação científica está presente em enunciados como *Aníbal é maior do que a Terra foi*, e *Quatro planetas em torno de dois sóis*, em que examinamos a possibilidade de efeitos de sentido com a condição de que, na revista *Nature*, por exemplo, foi publicada pesquisa em 2021, realizada por astrônomos da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos da América, que estima pelo menos 175 estrelas de onde a Terra pôde ser avistada. Destas, há galáxias com 29 planetas que podem ser habitáveis e trocar mensagens de rádio com a Terra. A especulação realizada pelo enunciador está na premissa de: se conseguíssemos encapsular humanos e enviar para planetas habitáveis, o que encontraríamos? A resposta do que seria encontrado está na fantasia: seres sencientes, minerais familiares, consciência perturbada, leis alternativas às leis terrestres, dentre outros. Nesse sentido, considerar a possibilidade de viagens interplanetárias é estabelecer uma proximidade de uma rede de discursos paratópicos que também especulam acerca dessas premissas, dos quais destacamos os jogos de video-game, como a franquia *Mass Effect*, séries de televisão, como *Star Trek* e *Battlestar Galactica*, e franquias literárias como *Planeta dos Macacos*.

Ainda, considerar a viagem intergaláctica e as regras para fauna e flora de novos planetas projeta os discursos literários a um lugar paratópico ocupado por discursos metaficcionais, típicos da literatura pós-moderna, como observado por Hutcheon (1984). Para a autora, discursos metaficcionais são narrativas que provocam o coenunciador a construir efeitos de sentido por meio de espelhamento de realidades possíveis e autorreferência. Isso significa que o coenunciador se depara com uma realidade criada, como por exemplo o planeta Aníbal, que tem semelhanças e diferenças com o planeta Terra, provocando-o a explorar em pelo menos três realidades síncronas: a realidade do coenunciador sob autorreferência à realidade de Aníbal; uma nova realidade do planeta Terra especulado pelo enunciador, planeta este enfraquecido, inexpressivo frente a complexidade de seres, de fauna e de floras intergalácticos.

O coenunciador envolve-se em uma trama tecida pelo enunciador que o convida a assumir a posição de um leitor coautor que adentra a cenografia criada em um espaço e em um tempo alternativos e enigmáticos. Os discursos ficcionais presentes em nossa amostra de pesquisa o convidam a estabelecer os *links* necessários para refletir sobre as regras de todos os mundos criados. Embora a complexidade dos mundos seja mostrada pelo enunciador, trata-se de uma apresentação parcial, metonímica, responsabilizando o coenunciador o exercício de completar o mosaico de um todo-complexo maior. O enunciador, assim, assume uma postura comum de autores de obras metaficcionais de literaturas pós-modernas, subvertendo as noções de objetividade, convidando o coenunciador a percorrer em uma realidade onde é possível ejetar o ser-humano em cápsulas pelo espaço, conversar com alienígenas e explorar faunas e floras intergalácticas. Ainda, este novo mundo tem consequências para a espécie humana. Se o ser-humano, ao ser alçado em uma cápsula para um outro planeta, tinha pretensões de desfrutar de um vida típica de um *Superman* que deixa *Krypton* e chega no planeta Terra com poderes e vantagens sobre a espécie humana, o protagonista de nossa amostra, ao ambientar-se em um planeta hostil e diferente, nota que não tem nenhuma habilidade que o coloque em evidência, servindo de estudo para as espécies locais, como um tempo de ser-vivo primitivo, exótico, atrasado na cadeia evolutiva.

Nesse sentido, o que faz de nossa amostra um discurso paratópico é o fato de a trama narrativa representar o que está e o que não está, o que é possível e o que não é possível no imaginário e na realidade corrente da vida social do coenunciador. As especulações insólitas, as descrições que otimizam os seres intergalácticos, colocam o ser-humano na condição limítrofe em que de fato existimos: limitados na compreensão das regras do universo, impotentes em relação a nossa fragilidade e limitação mortal, deveras humano. Contudo, pensar em nossa relação com o universo, nas limitações da tecnologia do tempo presente, só é possível pelo caminho da ficção. Assim, temos o que Hutcheon (1984) define como um percurso metaficcional para a construção de sentidos: a ficção sobreposta a ficção.

Por fim, compreendemos que nos discursos fantasistas de ficção científica há o exercício de colocar em prática especulativa uma teoria em desenvolvimento, atribuindo-a uma cenografia insólita, localizando a narrativa na fantasia imaginativa. De forma paratópica, os discursos fantasistas de ficção científica pertencem à Física, por exemplo, quando amplificam o potencial imaginativo de uma teoria não comprovada, mas, ao mesmo tempo, isso não passa de um jogo de mentiras, colocando o fantasismo de ficção científica, simultaneamente, em um lugar de não pertencimento, já que a condição dada para o exercício da prática teórica está no campo da fantasia e do imaginário, refletindo muito mais as limitações e as nuances de uma realidade tópica, do que elaborando um discurso clarividente de um vir-a-ser do futuro. Espécies alienígenas, outros mundos habitáveis, magias e guerreiros cósmicos são pretextos imaginativos para debater nossa vida imediata, complexa e fraturante.

Considerações finais

Compreendemos que se trata de uma empreitada cada vez mais produtiva estimularmos a investigação das redes de aparelhos que institucionalizam os discursos literários fantasistas de ficção científica. A dinâmica de institucionalização paratópica dos discursos literários está relacionada às negociações do pertencimento destes discursos a uma rede de lugares na prática enunciativo-discursiva. Ao longo desta pesquisa, assim, evidenciamos que categorizar os lugares e as comunidades que legitimam os discursos literários implica resultados de apreensão instável, já que há muitos influenciadores para essa constituição. No caso dos discursos literários fantasistas de ficção científica, não há um lugar físico que legitime as produções literárias, por isso nossa atenção para a rede de ações que constituem caminhos possíveis para a institucionalização de uma cena literária fantasista.

Além do lugar institucional, também são nas estratégias de enunciação literária que devemos dedicar esforços para compreender as negociações de enunciar em um espaço e um lugar de dizer. Assim, compreender as tramas que constituem os enunciados literários fantasistas de ficção científica, dos quais destacamos nesta pesquisa a metaficção e a Filosofia para o estabelecimento de um lugar paratópico de especulação científica, é um caminho produtivo para a consolidação de um arcabouço teórico-metodológico que dê conta de estudar as nuances dos enunciados literários em um lugar de inseguranças institucionais. Nesse sentido, analisar os discursos literários fantasistas de ficção científica demanda a mobilização de espaços sociais a serviço de um *novum* que retire o coenunciador de sua realidade latente e depois o impulse a questioná-la na ordem de um mundo diferente e revirado.

Assim, entendemos que seja produtivo estudar a relação entre agentes essenciais na comunicação literária e o discurso literário para a compreensão crítica das formas de expressão e apreensão estéticas do fantasismo brasileiro. Entendemos que cada estética literária demanda o compromisso crítico de interação, por parte do pesquisador, com as comunidades próprias que oferecem as ferramentas para compreender as potências para a construção dos efeitos de sentido de um discurso literário.

Referências

- Bernardo, G. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
- Causo, R. de S. A editora Seoman e a ficção científica. *Zanzalá: Revista brasileira de estudos de ficção científica*. São Paulo. v.4. n.1. p. 27 - 44. 2019. DOI: <<https://doi.org/10.34019/2236-8191.2019.v4.30058>>. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/article/view/30058>>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- Faria, Z. A metaficção revisitada: uma introdução. *Revista Signótica*. Goiás. vol. 24. n. 1. p. 237-251. 2012. DOI: <<https://doi.org/10.5216/sig.v24i1.18739>>. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/article/view/18739>>. Acesso em: 27 abr. 2024.
- Hutcheon, L. *Narcissistic Narrative: the metafictional paradox*. New York: Methuen, 1984.
- Oliveira, N. de. *Fractais Tropicais*. São Paulo: SESI-SP, 2018.
- Maingueneau, D. *O discurso literário*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2006.

Matangrano, B.; Tavares, E. *Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fanatismo*. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

Navas, D. *Narcisismo discursivo e metaficção: Antonio Lobo Antunes e a revolução do romance*. São Paulo: Scortecci, 2009.

Nerdologia. *Viagem no tempo*. In.: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zd3jWFpw3NE>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

Nietzsche, F. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

Roberts, A. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. Trad. Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

Tavares, E.; Causo, R. de S; Silva, S. C. da. Apresentação. *Revista Abusões*. Rio de Janeiro. vol. 11. ano 6. p. 5 - 9. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.12957/abusoes.2020.50525>>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/issue/view/2171>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

Recebido em: 27/04/2024

Aceito em: 05/06/2024